

# Prólogo

Na minha opinião, toda a gente tem direito a um milagre. Provavelmente nunca serei atingido por um relâmpago, nem ganharei um Prémio Nobel, nem me tornarei ditador de uma pequena nação nas ilhas do Pacífico, nem terei cancro terminal do ouvido, nem entrarei em combustão espontânea. Mas se juntarmos todas as coisas improváveis, é provável que pelo menos uma delas aconteça a cada um de nós. Podia ter visto chover sapos. Podia ter pisado a superfície de Marte. Podia ter sido comido por uma baleia. Podia ter casado com a rainha de Inglaterra ou sobrevivido meses perdido no mar. Mas o meu milagre foi diferente. O meu milagre foi o seguinte: de todas as casas em todas as urbanizações de toda a Florida, acabei a viver ao lado da Margo Roth Spiegelman.

A nossa urbanização, Jefferson Park, fora uma base da Marinha. Mas quando a Marinha deixou de precisar dela, devolveu os terrenos aos cidadãos de Orlando, na Florida, que decidiram construir uma urbanização gigantesca, porque é isso que se faz aos terrenos na Florida. Os meus pais e os pais da Margo acabaram por ficar vizinhos logo após a construção das primeiras casas. Margo e eu tínhamos dois anos.

Antes de Jefferson Park se transformar numa Pleasantville<sup>1</sup>, e antes de ser uma base da Marinha, pertenceu mesmo a um Jefferson, a um tipo chamado Dr. Jefferson Jefferson. O Dr. Jefferson Jefferson tem uma escola com o seu nome em Orlando e também

---

<sup>1</sup> Cidade Agradável; alusão ao filme *Pleasantville — Viagem ao Passado*. (NT)

uma grande fundação de solidariedade, mas o que é fascinante e inacreditavelmente verdade acerca do Dr. Jefferson Jefferson é que ele não era doutor de espécie alguma. Era um vendedor de sumos de laranja chamado Jefferson Jefferson. Quando se tornou rico e poderoso, foi a um tribunal, fez de «Jefferson» o seu nome do meio e depois mudou o nome próprio para «Dr.». *D* maiúsculo, *r* minúsculo, ponto final.

Margo e eu tínhamos nove anos. Os nossos pais eram amigos, por isso às vezes brincávamos juntos, passando de bicicleta pelas ruas sem saída até chegarmos ao Jefferson Park propriamente dito, o centro do círculo que compunha a nossa urbanização.

Ficava sempre muito nervoso quando sabia que Margo ia aparecer, porque ela era a criatura mais fantásticamente gloriosa a que Deus alguma vez dera vida. Na manhã em questão, ela vestia uns calções brancos e uma *T-shirt* cor-de-rosa com um dragão verde que cuspiam fogo de brilhantes cor de laranja. É difícil explicar quão espetacular eu achava esta *T-shirt* na altura.

Margo pedalava de pé, como sempre, braços tensos suportando-a enquanto se inclinava sobre o guiador, os ténis roxos criando um círculo de cor indefinível. Estava um dia escaldante de março. O céu estava limpo, mas o ar tinha um sabor ácido, como se uma tempestade se aproximasse.

Na altura, considerava-me um inventor e, quando trancámos as bicicletas e começámos a pequena caminhada até ao parque infantil, contei a Margo a minha ideia para uma invenção chamada Anelador. O Anelador era um canhão gigante que dispararia rochas grandes e coloridas até uma órbita muito baixa, dando à Terra o mesmo tipo de anéis que Saturno tem. (Continuo a achar que seria uma bela ideia, mas parece que construir um canhão que consiga disparar pedregulhos até uma órbita baixa é bastante complicado.)

Já tinha estado no parque tantas vezes que era como se tivesse um mapa no cérebro, por isso mal entrámos comecei a sentir que algo estava errado com o mundo, embora não conseguisse identificar imediatamente o *que* estava diferente.

— Quentin — disse Margo calmamente.

Ela estava a apontar. E então percebi o que estava diferente.

Havia um carvalho de folha perene a alguns metros de nós. Grosso, carcomido e com um aspeto antigo. Isso não era novo. O parque infantil ficava à direita. Também nada de novo. Mas desta vez havia um tipo com um fato cinzento encostado ao tronco do carvalho. Sem se mexer. Isso era novo. Estava rodeado de sangue, com uma fonte meio seca do mesmo jorrando-lhe da boca. Boca que estava aberta de uma maneira que as bocas não costumam estar. Moscas pousadas sobre a sua testa pálida.

— Está morto — disse Margo, como se eu não conseguisse perceber.

Dei dois pequenos passos atrás. Lembro-me de pensar que, se fizesse algum movimento súbito, ele podia acordar e atacar-me. Talvez fosse um *zombie*. Sabia que não existem *zombies*, mas ele parecia mesmo um *zombie* em potência.

Quando dei esses dois passos atrás, Margo deu dois passos igualmente pequenos e silenciosos para a frente.

— Tem os olhos abertos — disse ela.

— Temos de ir para casa e contar — respondi.

— Pensava que fechávamos os olhos quando morríamos — continuou.

— Margotemos de ir para casa e contar.

Ela deu mais um passo. Agora estava suficientemente perto para se esticar e tocar-lhe no pé.

— O que achas que lhe aconteceu? — perguntou. — Se calhar foram drogas ou qualquer coisa assim.

Não queria deixar Margo sozinha com o tipo morto, que podia ser um *zombie* agressivo, mas também não tinha grande vontade de ali ficar a tagarelar sobre as circunstâncias da sua morte. Reuni toda a minha coragem e avancei para lhe dar a mão.

— Margotemosdeirjá!

— Está bem, sim — respondeu.

Corremos para as bicicletas, o meu estômago às voltas com algo que parecia igualzinho a entusiasmo mas não o era. Subimos para as bicicletas e deixei-a ir à minha frente, porque estava a chorar e não queria que ela visse. Via sangue nas solas dos seus ténis roxos. O sangue dele. O sangue do tipo morto.

E depois estávamos cada um em sua casa. Os meus pais ligaram para o 112, ouvi as sirenes à distância e pedi para ir ver os carros dos bombeiros, mas a minha mãe disse-me que não. Depois dormi uma sesta.

Ambos os meus pais são psicólogos, o que significa que sou mesmo muito estável. Por isso, quando acordei tive uma longa conversa com a minha mãe sobre o ciclo da vida, e como a morte faz parte da vida, mas não de uma parte da vida com a qual tivesse de me preocupar especialmente aos nove anos, e eu senti-me melhor. Sinceramente nunca me preocupei muito com isso. O que é dizer muito, porque eu tenho tendência para me preocupar.

É assim: encontrei um tipo morto. A minha versão pequenina e adorável de nove anos e a minha ainda mais pequenina e adorável companheira de brincadeiras encontrámos um tipo com sangue a jorrar-lhe da boca, e esse sangue colou-se aos ténis pequeninos e adoráveis dela quando voltámos de bicicleta para casa. É tudo muito dramático e tal, mas e daí? Não conhecia o tipo. Pessoas que não conheço morrem a toda a hora. Se tivesse um esgotamento nervoso de cada vez que acontecesse qualquer coisa má no mundo, por esta altura estava completamente passado dos carros.

Nessa noite, entrei no quarto para ir para a cama às nove da noite, porque às nove era a minha hora de ir para a cama. A minha mãe aconchegou-me, disse-me que me amava e eu respondi:

— Até amanhã.

E ela respondeu:

— Até amanhã.

E depois apagou a luz e fechou a porta quase-toda-mas-deixando-uma-fresta.

Quando me virei para o lado, vi Margo Roth Spiegelman de pé à minha janela, com a cara quase encostada à rede de proteção. Levantei-me e abri a janela, mas a rede continuou entre nós, dividindo a cara dela em pequenas quadrículas.

— Fiz uma investigação — disse-me ela com um ar sério.

Mesmo ao perto, a rede recortava a sua cara, mas dava para ver que segurava um pequeno caderno preto e um lápis com marcas de dentes à volta da borracha. Ela olhou para os apontamentos.

— A senhora Feldman, de Jefferson Court, disse que ele se chamava Robert Joyner. Disse-me que ele vivia em Jefferson Road, num daqueles apartamentos sobre a mercearia, por isso fui lá e estavam lá imensos políciais, e um deles perguntou-me se trabalhava no jornal da escola, e respondi-lhe que a nossa escola não tinha jornal, e ele disse que desde que eu não fosse jornalista responderia às minhas perguntas. Disse-me que Robert Joyner tinha trinta e seis anos. Era advogado. Não me deixaram entrar no apartamento, mas uma senhora chamada Juanita Alvarez vive ao lado dele, e entrei no apartamento dela pedindo-lhe se me emprestava uma chávena de açúcar, e ela contou-me que Robert Joyner se tinha suicidado com uma pistola. E depois eu perguntei-lhe porquê e ela respondeu-me que ele estava a divorciar-se e se sentia muito triste.

Nessa altura, Margo parou, e fiquei a olhar para ela, a sua cara pálida à luz do luar, e dividida em milhares de quadradinhos pela

rede. Os seus olhos grandes e redondos passavam rapidamente do caderno para mim e vice-versa.

— Muitas pessoas passam por divórcios e não se suicidam — declarei.

— Eu *sei* — respondeu ela, com entusiasmo. — Foi *isso* que disse a Juanita Alvarez. E ela respondeu... — Margo virou a página do caderno. — Ela respondeu que o senhor Joyner estava perturbado. Depois perguntei-lhe o que isso queria dizer e ela disse-me que devíamos só rezar por ele e que tinha de levar o açúcar para a minha mãe, e eu disse-lhe para esquecer o açúcar e saí.

Fiquei calado. Só queria que ela continuasse a falar, aquela vozinha carregada com o entusiasmo de quem quase sabe as coisas, fazendo-me sentir que algo importante me estava a acontecer.

— Acho que se calhar sei porquê — disse ela por fim.

— Porquê?

— Se calhar, todos os fios dentro dele se partiram.

Enquanto tentava pensar em algo para responder àquilo, estiquei-me e destranquei a rede que nos separava, tirando-a da janela. Pousei-a no chão, mas Margo não me deu hipótese de falar. Antes de conseguir voltar a sentar-me, encostou a cara à minha e sussurrou:

— Fecha a janela.

E eu fechei. Pensei que se ia embora, mas ficou ali, a olhar para mim. Disse-lhe adeus e sorri, mas os olhos dela pareciam fixar-se em algo atrás de mim, algo monstruoso que lhe sugara todo o sangue da cara, e senti demasiado medo para me virar para trás e ver. Mas não havia nada atrás de mim, claro... exceto talvez o tipo morto.

Parei de dizer adeus com a mão. A minha cabeça estava ao mesmo nível da dela enquanto olhávamos um para o outro cada um do seu lado do vidro. Não me lembro de como acabou, se fui

para a cama ou se foi ela. Na minha memória não acaba. Ficámos ali, a olhar um para o outro, para sempre.

Margo sempre adorou mistérios. E em tudo o que se seguiu nunca consegui deixar de pensar que se calhar ela adorava tanto os mistérios que acabou por se tornar ela própria num mistério.